

## **Ficar vivo já é lucro!**

*Carlos Honorato, novembro de 2016.*

O custo social da gestão incompetente da segurança, entre nós, é gigantesco. Uma forma de se entender esse fenômeno é fazer uma analogia com a direção dos investimentos. Em uma situação de mundo civilizado (que evidentemente não é o nosso caso!), os indivíduos e as organizações “olham para frente” e planejam seus investimentos de tal forma que possam gerar um retorno desejado no futuro. Olhando “para frente”, os indivíduos poupam dinheiro para uma viagem ou para comprar um determinado bem que desejam (casa, carro, geladeira, etc), ou fazem um empréstimo, comprometendo parte de sua renda futura, para desfrutar esse bem ou serviço desejado hoje. Seja como for, o que está no centro das decisões econômicas é o futuro e, com ele, a ampliação da satisfação dos desejos presentes e futuros.

As organizações, “olhando para frente”, realizam investimentos em equipamentos, instalações, tecnologia ou conhecimento para, no futuro, gerarem não só maior retorno financeiro (se for empresa privada) e maior retorno de serviços (se for organização pública) como também ampliação de emprego e renda (ampliando o poder de compra de uma determinada parcela da população). Seja como for, o que está no centro das decisões econômicas das organizações é o futuro.

No mundo não civilizado, ou hobbesiano do estado atual, onde impera a violência e o “vale tudo” (matar na rodoviária, matar no aeroporto, matar no hospital, ...matar em qualquer lugar, em qualquer hora e por qualquer motivo!), não se pode ter preocupações com o futuro, pois o futuro provavelmente não exista e o que é preciso garantir é o presente e, principalmente, o “passado”. Todos os bens materiais e a própria vida do presente é fruto da existência de um passado em que indivíduos e organizações percorreram de alguma forma. Dito de outra forma: o presente é consequência da “trajetória do passado” e o que os economistas chamam de “path dependence”. Só se está no presente, em função do que foi construído no passado e em função das escolhas e decisões tomadas ao longo da trajetória histórica. Quando se deseja preservar o que foi construído no passado, ou seja quando se deseja que o presente não termine, e o ambiente é de absoluta falta de segurança (como é o nosso caso atual!) tenho que optar por aquilo que desejo preservar da história. Exemplificando: supondo que eu tenha construído uma casa e tenha comprado um carro. Bem, nessa situação tenho três coisas: a casa, o carro, e a vida. Sem a vida não adianta ter carro e casa, então em primeiro lugar invisto na minha segurança individual (já que o Estado não garante!) e me cerco de grades e altero a rotina da própria vida (não saio à noite para jantar, pois corro mais risco!). Se ainda sobrar recursos, invisto no cercamento físico e eletrônico da minha casa, pois parto do princípio que a moradia é mais importante que o carro e, no passado, demandou um esforço maior para adquiri-la. Caso ainda tenha disponibilidade (o que é caro!) invisto na segurança do carro com alarmes, garagens e estacionamento. Todos estes investimentos que são feitos são “olhando para o passado” e tentando preservar aquelas coisas que foram feitas e construídas no passado, inclusive a “vida”, pois a vida de hoje é consequência da história passada. No mundo não civilizado, como o nosso, é fundamental preservar o passado mantendo o que se possui no presente, inclusive a vida. Ora, vendo o problema sob este ângulo, o futuro, e melhor a construção do futuro desejado, não faz parte da história, pois o fundamental não é viver para o futuro mas “sobreviver” para preservar o passado. No mundo não civilizado, sobreviver já é lucro e qualquer coisa além disso é uma mistura de sonho com delírio.

Bem, enquanto nós, o pobre povo pobre, tenta encontrar as diferentes formas de sobreviver nesse mundo hobbesiano do “salve-se quem puder”, o José Ivo e seu amiguinho “chefe de segurança” dão continuados sinais das suas incompetências. Depois do cômico e trágico investimento em “sensação de segurança”, agora a dupla dinâmica está investindo em “fazer o possível”, sendo que o dito “possível” ninguém sabe o que é, nem mesmo eles, os dois incompetentes amiguinhos. Resta para o pobre povo pobre apenas o enorme esforço de continuar vivo e contar com a ajuda divina. Então, seja o que Deus quiser!